

Vozes da poesia lésbica contemporânea: uma leitura de Elayne Baeta

Voices of contemporary lesbian poetry: a reading of Elayne Baeta

Luana dos Anjos Camargo¹

Silvana Moreli Vicente Dias²

Recebido em 21 de dezembro de 2025.

Aprovado em 16 de junho de 2026.

RESUMO

Objetiva-se, neste trabalho, investigar a invisibilidade lésbica na literatura a partir da obra de Elayne Baeta, analisando suas estratégias poéticas e seus modos de expressão, por meio dos quais a autora estabelece uma conexão significativa com o público leitor. Na sociedade atual, apesar dos avanços, obras com narrativas sobre mulheres que amam mulheres ainda são pouco numerosas. Ter a coragem de se nomear e contar essas vivências significa transgredir as normas sociais que impõem as relações heterossexuais como padrão de comportamento. Por isso, tais trabalhos são fundamentais, ao colaborarem positivamente para o processo de descoberta, autoaceitação e orgulho de muitas mulheres em relação à própria sexualidade, gerando ainda um lugar de conforto e acolhimento, em que elas se sentem abraçadas, esperançosas e compreendidas ao ler sobre sentimentos que talvez nem elas saberiam descrever. A literatura é ferramenta de transformação social, tornando-se vitais a ocupação de espaços e a criação de obras que abordem diversos assuntos que envolvam a temática. Desse modo, partindo de conceitos desenvolvidos por Luiz Mott (1987), Adrienne Rich (2012) e Conceição Evaristo (2020a; 2020b), dentre outros, o artigo propõe-se a analisar poemas do livro *Oxe, baby* (2021), de Elayne Baeta, observando como eles desafiam as estruturas tradicionais e trazem uma nova dimensão para a relação entre a poeta e seu público.

Palavras-chave: Invisibilidade lésbica. Poesia Contemporânea. Elayne Baeta. Conexão com os Leitores.

ABSTRACT

This work aims to investigate lesbian invisibility in literature through the analysis of Elayne Baeta's work, examining her poetic strategies and modes of expression, through which the author establishes a meaningful connection with readers. In today's society, despite advances, works with narratives about women who love women are still scarce. Having the courage to name oneself and recount these experiences means transgressing social norms that impose heterosexual relationships as the standard of behavior. That is why such works are fundamental, as they contribute positively to the process of discovery, self-acceptance, and pride for many women in relation to their own sexuality, while also creating a place of comfort and welcome, where they feel embraced, hopeful, and understood when reading about feelings that perhaps even they

¹ Graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Pós-graduanda pela Facuminas. E-mail: luanacamargo10@hotmail.com. O presente trabalho deriva de monografia de conclusão de curso defendido na UVA, sob orientação da Profa. Dra. Silvana Moreli Vicente Dias. E-mail: luanacamargo10@hotmail.com.

² Graduada em Letras (UNESP), com doutorado em Teoria Literária (USP, Prêmio Capes de Teses) e pós-doutorado pelo IEB-USP e pela Université Sorbonne Nouvelle/Paris 3, é professora universitária na UVA-RJ e autora de livros como *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* (edição de cartas e estudo crítico, pela Ed. Global) e *Leitura e produção acadêmica* (Freitas Bastos, em parceria com Anne C. M. Santos). E-mail: silvana.dias@uva.br.

would not know how to describe. Literature is a tool for social transformation; thus, it is vital to occupy spaces and create works that address various issues involving this theme. Drawing on concepts developed by Luiz Mott (1987), Adrienne Rich (2012), and Conceição Evaristo (2020a; 2020b), among others, this article proposes to analyze poems from Elayne Baeta's book *Oxe, baby* (2021), observing how they challenge traditional structures and bring a new dimension to the relationship between the poet and her audience.

Keywords: Lesbian invisibility. Contemporary Poetry. Elayne Baeta. Connection with Readers.

INTRODUÇÃO

É inegável a importância da representatividade na literatura para a construção de identidade, do orgulho e do processo de autoaceitação, considerando principalmente a sociedade heteronormativa que torna o processo de autodescoberta ainda mais desafiador. Se enxergar em obras que tragam a vivência lésbica em sua pluralidade, com orgulho pelo que se é e o que se sente, torna-se imprescindível para muitas mulheres nesse processo. Livros como *Oxe, baby* (2021), de Elayne Baeta, retratam não só esse processo de figuração lésbica com orgulho, ajudando a torná-lo mais leve, mas também demonstram essas vivências para além dessa etapa, abordando relações familiares e românticas, preconceitos, vontades, medo, força, solidão, feridas e traumas, de forma poética e avassaladora, oportunizando a descrição da vivência lésbica escrita por quem e para quem a vive. Nesse contexto, este artigo busca mapear a invisibilidade histórica das narrativas lésbicas na literatura brasileira, analisando especificamente como a poesia multimodal de Elayne Baeta, com enfoque em poemas de *Oxe, baby* (2021), rompe estruturas tradicionais para criar conexões afetivas e políticas com as leitoras.

Lúcia Facco, em entrevista à Laura Bacellar (Facco; Bacellar, *s.d.*), é precisa ao afirmar que:

A literatura lésbica tem a capacidade de permitir a identificação para as mulheres lésbicas, representando, muitas vezes, uma de verdadeira “tábua de salvação” para aquelas que se sentem diferentes, devido aos seus desejos; tem a capacidade, também, de tornar visíveis relações afetivas e sexuais que a sociedade teima em querer varrer para baixo do tapete.

Na sociedade falocêntrica, em que ser hétero é considerado o padrão, quebrar com essas expectativas heteronormativas se torna um grande desafio. Mais ainda, subverter essa lógica internamente e ter a coragem necessária para expor a realidade de opressão ao mundo, considerando todas as violências que podem ser sofridas, dentro e fora de casa e do núcleo familiar, é ainda mais árduo. Portanto, é imprescindível que haja uma rede de apoio com base na qual as mulheres que gostam de mulheres possam enxergar vivências e

processos semelhantes para auxiliá-las. Com isso, obras como as aqui mencionadas se mostram relevantes ao fazerem essas mulheres enxergar novas possibilidades, abrigo e esperança.

No Brasil, desde os primeiros registros da temática sáfica, que, segundo Mott (1987), remontaram ao século XIX, com *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e com a publicação de Machado de Assis na série “A semana”, da *Gazeta de Notícias*, o amor entre mulheres foi retratado de maneira negativa, com fim trágico ou em uma cena de abuso, além de ter sido majoritariamente escrito por homens. Embora tenham ocorrido avanços significativos, com um aumento na quantidade e qualidade de obras de temática sáfica desde os primeiros registros, ainda é notável a discrepância entre a presença desses livros em relação aos romances heteronormativos. Além disso, há a recorrente sexualização dessas obras, que, mesmo quando não abordam experiências sexuais, frequentemente são classificadas e inseridas em espaços específicos, como livrarias, sebos e bibliotecas, destinados a esse tipo de conteúdo. Esses fatores, somados ao preconceito ainda enfrentado pelo público geral, contribuem para reforçar a invisibilidade lésbica, gerando consequências negativas para a comunidade, que continua a sofrer com a falta de representatividade e de espaços de validação.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva demonstrar a relevância de livros como *Oxe, baby*, de Elayne Baeta, publicado em 2021, analisando como se dá a configuração da escrita poética em relação à temática que engloba mulheres que amam mulheres, expondo como essa autora se comunica com suas leitoras na contemporaneidade. Existe uma preocupação autêntica em criar conexões reais e significativas, priorizando-as acima do cumprimento estrito de regras métricas, além de buscar novas formas e estruturas poéticas que rompam com o tradicionalismo. Muitas vezes, essas obras são escritas em versos ou estrofes, com imagens e mecanismos visuais que corroboram e complementam seus sentidos, evidenciando não apenas a importância do lugar de fala e de dar voz às pessoas que vivenciam essas experiências, mas também buscando romper a invisibilidade dessa temática no cenário literário contemporâneo.

Com isso, este estudo busca demonstrar a importância da escrita sobre a existência lésbica explorando a questão da invisibilidade do tema na literatura brasileira e discutindo aspectos da censura sofrida pelas autoras lésbicas no país. Apresenta, em seguida, uma análise de poemas de Elayne Baeta, que tem cultivado um público relativamente numeroso, demonstrando como, em sua obra, ocorre uma forma renovada de comunicação, em que

emoções e experiências são cuidadosamente trabalhadas a fim de estabelecer uma conexão autêntica entre autora e leitoras. O impacto dessas construções poéticas na comunidade lésbica contemporânea é real. Por fim, é importante pontuar ainda que os conceitos sáfica e lésbica são utilizados para se referir a mulheres que se relacionam sexual/afetivamente com outras mulheres, considerando-se mulheres todas as que se nomeiam como tal.

A INVISIBILIDADE, AS LITERATURAS LÉSBICAS NO BRASIL E A FORMA CONTEMPORÂNEA DE SE COMUNICAR COM AS LEITORAS

A invisibilidade da temática lésbica na literatura brasileira é um fator limitante na construção de identidade de mulheres em uma sociedade heteronormativa. Mott (1987, p. 8) sublinha a escassez de registros históricos sobre o assunto, afirmando:

Se a documentação sobre a história dos sodomitas é rara e lacunosa, as informações sobre o amor entre mulheres são ainda muitíssimo menos numerosas, fragmentárias, quando não inexistentes. [...] a falta de documentação se deve mais à cegueira, indiferença e preconceito dos homens face à sexualidade feminina, considerada assunto de menor importância e indigno da atenção do sexo forte.

Esse apagamento, que relega a lésbica a papéis de vilã ou à narrativa de “fim trágico”, é um reflexo da *heterossexualidade compulsória*. Como argumenta Adrienne Rich, a existência lésbica é sistematicamente apagada não apenas da literatura e da arte, mas também do pensamento feminista, pois ameaça a estrutura de poder que mantém as mulheres identificadas com os homens. Além de ser uma ruptura com o modo compulsório de vida, a existência lésbica também se constitui como uma ruptura com a heterossexualidade compulsória centrada nos valores do patriarcado, como afirma Rich: “A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres.” (Rich, 2012, p. 26).

Essa dinâmica de apagamento atravessa a história cultural brasileira, desde o período colonial até a literatura contemporânea. Apesar de Mott (1987) identificar a presença de mulheres “çacoaimbeguira” no Brasil pré-colonial, descritas em 1621 como “mulheres que não conhecem homem e têm mulher, falando e trabalhando como homem” (Mott, 1987, p. 7-11), a primeira narrativa de autoria feminina sobre o tema, *Vertigem*, de Laura Villares, só foi publicada em 1926. Castro (2011) reitera que o material que diverge da tradição patriarcal é “punido com o desprestígio e silenciamento”. Soma-se a isso uma crítica à falta de representações positivas e com finais felizes (Facco, 2003), sendo que as

primeiras personagens lésbicas frequentemente culminavam em suicídio ou casamento heterossexual.

A repressão histórica é exemplificada pela trajetória de Cassandra Rios, que, apesar de ser autora de obra que totaliza um milhão de cópias vendidas na década de 1970 (Comissão da Verdade, 2014), foi censurada. Rick Santos (2005) destaca que “a linguagem e a literatura de Cassandra Rios têm valor cultural e histórico de resistência, pois documentam histórias apagadas pelo sistema de repressão e censura da ditadura militar, e contestam o sistema hegemônico da heterossexualidade compulsória” (Santos, 2005, p. 80).

O estudo de Dalcastagnè (2017) corrobora essa invisibilidade, indicando que as mulheres lésbicas formam um grupo historicamente mais invisibilizado do que os homens homossexuais, e tal fato se relacionaria à estrutura de superioridade masculina sobre a feminina (Dalcastagnè, 2017). Mais ainda, a condição de serem, ao mesmo tempo, mulheres e lésbicas impõe a elas uma dupla marginalização, que se traduz em silenciamento e apagamento histórico, historiográfico e literário, como afirma Silvia Federici (2017). A invisibilização é, para Ferreira-Pinto (1999), uma atitude ideológica: a mulher lésbica, por “rompimento” com a heterossexualidade compulsória (Rich, 2012), é caracterizada como “não-ser” e, conseqüentemente, “o que não se nomeia não existe” (Ferreira-Pinto, 1999, p. 405).

Apesar dos obstáculos, a literatura lésbica resiste e conquista espaço. Após vestígios e protagonistas não-lésbicas (como em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, de 1890, e em obras de Lygia Fagundes Telles, para citar alguns exemplos), um ponto de virada ocorre em 1999, com *Julieta e Julieta*, de Fátima Mesquita, a primeira obra com protagonistas lésbicas e com um final feliz, impulsionada por selos como Edições GLS, que visavam romper com a imagem de personagens “fadadas ao fracasso e à solidão”.

Já no século XXI, há uma explosão de narrativas, incluindo a poesia, focadas em histórias de mulheres que amam mulheres. Essa produção prioriza a conexão real e o acolhimento dialógico sobre o formalismo, utilizando uma linguagem singular e subjetiva. Tal transformação está ligada à mudança na relação com o público, uma vez que a literatura se transformou em todas as suas dimensões em função das mudanças no perfil do leitor, demonstrando que a produção literária não desapareceu, mas assumiu novas formas (Lajolo; Zilberman, 2011). Autoras contemporâneas como Juliana Reis (*Borboletas pra lá e pra cá*, 2020), Mariana Mortani (*Amélia sem filtro*, 2019), Clara Alves e Amanda

Condasi exemplificam essa nova fase, utilizando plataformas digitais como o *booktok* para estabelecer diálogos diretos com o público e trabalhar a representatividade há muito negada.

***OXE, BABY* (2021), DE ELAYNE BAETA: UMA ANÁLISE POÉTICA**

Uma obra que se pode destacar na literatura lésbica contemporânea é o livro de poemas *Oxe, baby* (2021), que não só retrata a temática positivamente, mas também evidencia diversos aspectos da vivência de mulheres que amam mulheres. A obra aborda o amor e a dor de forma poética e, além disso, lança luz sobre uma série de questões profundas e complexas. Trata de amores, dores, relações familiares, preconceitos, processo de autodescoberta, autoaceitação e ainda promove o orgulho de ser quem se é. Como ressaltado em Baeta (2021, p. 9), “ser uma menina que gosta de menina é sim algo bonito”, além de retratar com autenticidade estas experiências. Nesse sentido, a própria autora aponta que, sempre quando fala sobre amor ou qualquer outro assunto, tudo o que disser virá de dentro da perspectiva de uma mulher que gosta de mulher.

Assim, o livro desfaz mitos e incentiva a diversidade. No decorrer das narrativas poéticas, são explorados diversos tópicos que englobam essas vivências e refletem questões pessoais, culturais e políticas, instigando as leitoras a se enxergarem em diversos momentos e, assim, a facilitar o processo de elaboração de múltiplas esferas que englobam a própria sexualidade. Nesse contexto, a obra de Baeta conecta-se com o conceito de *escrevivência* proposto por Evaristo (2020a), que compreende a escrita como um ato de resistência e de inscrição da própria vivência no mundo. Para a autora mineira: “[...] se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’.” (Evaristo, 2020a, p. 30). Assim como Evaristo busca dar protagonismo aos personagens afro-brasileiros em suas narrativas, Baeta, em movimento semelhante, se propõe a amplificar a voz das mulheres lésbicas, permitindo que expressem sua subjetividade sem medo, sem repressão, transformando a poesia em espaço de liberdade, autodeterminação e protagonismo.

A “*escrevivência lésbica*”, neste caso, não é apenas um relato pessoal, mas uma ferramenta política de visibilidade e validação. Aliado a isso, o conceito de lugar de fala, conforme teorizado por Ribeiro (2019), compreende o direito e a responsabilidade de grupos historicamente marginalizados para que narrem suas próprias experiências a partir

de sua posição social específica, rejeitando representações mediadas por vozes externas. Assim, quando mulheres lésbicas falam sobre suas vivências, não apenas descrevem uma realidade pessoal, mas reivindicam autoridade sobre suas narrativas, desafiando estruturas de poder que historicamente as silenciaram. Veremos, na análise de textos de Baeta, como essa forma singular de “escrevivência” se configura.

A partir de textos, desenhos e outras estruturas que auxiliam a escrita poética, Elayne Baeta não só usa um eu lírico como personagem: torna-se, ela própria, a voz do poema, tecendo um sensível diálogo com as leitoras, marcado por desabafos e por um discurso de sobrevivência. Com uma expressão poética perpassada pelas dores e maravilhas enfrentadas por ser uma mulher lésbica, conectando as leitoras a uma personagem real, não a alguém fictício, ao contar as próprias histórias e se tornar protagonista dessas narrativas, a escritora abre o caminho para uma conexão entre suas vivências e as de quem as lê. Em seu livro, Baeta (2021, p. 101) aborda também questões relacionadas à vivência política para a comunidade, como em seu poema “Exílio”, no qual defende que:

Não é um pouco exagerado que entre distribuir sopas e educar analfabetos, calvos políticos estejam oferecendo de seu precioso tempo pra tecer comentários maldosos sobre os nossos beijos? Sobre sermos garotas e as bocas serem nossas? [...] Não é um pouco exagerado que existam inúmeras formas históricas de tortura para os meus dedos e os seus dentes porque calvos políticos acreditam que deus se sente mais feliz quando estamos doendo?

Nesse trecho, a autora oferece uma análise estimulante e perspicaz das realidades que as mulheres lésbicas enfrentam em um mundo onde a discriminação e a lesbofobia são constantes. Ela expõe a distorção de valores e prioridades que penetra na nossa sociedade, questionando a importância dada por alguns políticos a comentários depreciativos sobre mulheres que expressam o seu amor, em detrimento de situações humanitárias urgentes, o que para Mott (1987, p. 219-220) é explicado do seguinte modo:

Recusando-se ser objeto-como grande parte das mulheres que se conformam aos papéis que a sociedade machista lhes atribuiu- as lésbicas provocam a ira dos donos do poder que temem perder o trono supremo, ou que se lhes tire o tapete debaixo de seus pés. Caso consigam desvencilhar-se da tentação de repetir as mesmas estratégias de dominação do sexo forte, então possuirão as mulheres homossexuais a condição ideal de serem as profetisas de novos tempos, pois a função do profeta é reclamar a verdade, dizer mesmo o que seja incomodo ouvir, provocar reflexão, denunciar as injustiças. Quem confirma tal papel histórico é Charlotte Wolff.

Ao recusarem-se a ser subjugadas e silenciadas, as lésbicas desafiam as estruturas de poder estabelecidas, despertando a ira daqueles que temem perder sua supremacia. Por isso muitas vezes políticos preferem continuar oprimindo certos grupos marginalizados a, de fato, assumir questões mais fundamentais. Ainda, em Baeta (2021, p. 33), destaca-se a fala que remete ao sentido da heterossexualidade compulsória, que, na trilha de Mott (1987), é uma ferramenta social para manter a mulher nessa posição submissa, sem que possa ser “astronauta” (ou seja, sem que possa ocupar, na sociedade patriarcal, lugares sociais de poder e prestígio em princípio impensáveis para as mulheres), como demonstrado em:

Tem a fase da heterossexualidade compulsória. Em que só vemos e ouvimos coisas sobre princesas serem salvas por príncipes... Sobre como “achar o cara certo” é a maior conquista que uma mulher pode ter na vida. Também é sobre as regras de uma religião escolhida pela nossa família... Tentamos caber onde não cabemos. Moldamos nossos sonhos, aparência e comportamento pra ganhar aplausos de uma família que só nos apoia se seguirmos o que querem de nós, pra ganhar afeto de homens que não amamos. Trocamos nossa felicidade e nossa essência pra caber numa sociedade que não nos quer como super-heroínas ou astronautas... Nosso amor é heroico!

No poema (Baeta, 2021, p. 20-21) “Você Sabe do que Eu Estou Falando”, encontramos:

[...] Eu gostei mesmo
De muitos meninos
Mas ferver é outra coisa
[...] Mas no fundo
Estava lá
Sempre estive
Ferver é outra coisa
Demorou, mas eu entendi
Poderia estar fingindo até hoje
Sei que muitas ainda estão
[...] Eu sinto muito por isso
Cada uma leva seu tempo
[...] Nunca é tarde demais

O fragmento analisa como o poema em questão captura a vivência árdua da autoaceitação lésbica, um processo marcado inicialmente pela negação e pela tentativa frustrada de se conformar aos padrões heterossexuais impostos pela sociedade. Essa jornada envolve mentir para si e sentir que o esforço de se encaixar nunca parece verdadeiro ou suficiente. A potência da escrita reside em seu poder de acolhimento e validação, oferecendo um vislumbre de esperança ao afirmar que cada uma tem seu tempo e que nunca é tarde demais. O texto torna-se vital por desmistificar a experiência,

mostrando que as mulheres não são menos por tentarem, por terem dúvidas ou por já terem gostado de homens. A chave é discernir a diferença da intensidade desses sentimentos, separando o que é verdadeiro do que é forçado para que seja mais aceita socialmente.

A autora emprega uma linguagem singular e uma metáfora central, comparando os sentimentos à água do chá para expressar essa diferença. A tentativa de controlar a temperatura simboliza a negação e a repressão. Em contraste, os sentimentos ensaiados por homens são apenas um simples borbulhar, um esquentar de leve, enquanto os verdadeiros e intensos experimentados por mulheres são fervorosos, quase transbordam e são capazes de modificar tudo, como o estado da água. Essa ebulição representa o despertar, a efervescência e a libertação da sexualidade reprimida, bem como a aceitação da própria sexualidade.

Essa simbologia comprova a importância dessas estrofes no autoquestionamento das leitoras, muitas vezes induzidas, desde o nascimento, a aceitar a heterossexualidade como única realidade. Versos que abordam ter gostado de muitos meninos são transformadores, pois trazem à luz a negação e a dificuldade em romper com a lógica heterossexual vigente, que gera mais preconceitos e violências.

A poesia, marcada pela escrevivência, para empregar a expressão de Conceição Evaristo (2020b), e por uma linguagem poética contemporânea menos rígida do ponto de vista estético, mais focada em gerar emoções, comoções e questionamentos, serve como norte e suporte para as mulheres em autodescoberta. O poema combate a solidão lésbica e promove uma sensação de acolhimento e de solidariedade ao descrever de forma sensível toda a trajetória, da negação à aceitação, permitindo uma conexão espontânea e profunda entre o sujeito poético e as leitoras.

Outro trecho que merece atenção vem do poema “Conselho Pré-Histórico”, em que Baeta (2021, p. 30) declara:

[...] dizer certamente lhe causará náusea
e não dizer já lhe causa ansiedade
mas garotas beijam garotas desde as pinturas rupestres
olhe pra ela e fale.

Aqui, antes de tudo, vale ressaltar a questão pontuada anteriormente sobre a linguagem da literatura contemporânea. No poema acima, não há uso de letras maiúsculas, vírgulas ou quaisquer outros sinais de pontuação, não por falta de conhecimento das normas linguísticas, mas por se entender que essas nem sempre são necessárias para a

transmissão de uma mensagem. Com mensagens cada vez mais curtas e a necessidade de uma linguagem adaptada a uma geração imediatista, na contemporaneidade é comum ler textos que aprofundam as lições das vanguardas literárias ao romper com qualquer regra, de modo a ressaltar que criar o vínculo intersubjetivo com quem a lê é o mais decisivo.

Para além da questão expressiva, há duas interpretações possíveis para o trecho citado: a primeira diz respeito ao ato de “sair do armário”, termo esse que causa náusea e pavor em muitas pessoas da comunidade, mas que, segundo a autora, é tão normal e antigo quanto a existência da humanidade. Para ela, afirmar que isso ocorre desde a Pré-História traz um ar de relativa naturalidade, de alento, retirando um pouco do peso desse ato. A segunda interpretação possível diz respeito à ação de declarar seu amor por outra mulher, que, seja por questões sociais ou por medo de rejeição, também causa medo e ansiedade, mas, ao afirmar que mulheres se amam desde os primórdios dos tempos, traz uma dose de coragem para que a leitora apaixonada fale sobre seus sentimentos para a mulher amada.

Por sua vez, em “Lésbica o Tempo Todo”, a autora afirma que (Baeta, 2021, p. 43):

As pessoas olham pra mim, alguns olhares eu sinto nos meus ossos. Alguns socos são palavras. Tem sangue que não dá pra ver. E ele escorre lésbico [...]. Não há nada no mundo que me impeça de ser lésbica o tempo todo. Eu levaria um tiro no peito, mas morreria lésbica. Ser lésbica é a única coisa que não pode ser arrancada de mim. Ser lésbica é coisa mais bonita em meus ossos. [...] Eu sou mais de uma. Somos muitas. Somos dezenas de coisas. Sobretudo, lésbicas. O... tempo... todo.

Diante da afirmativa, ficam evidentes as violências ainda sofridas na sociedade, agressões essas que nem sempre são físicas, mas machucam como se fossem. Apesar disso, transparece com firmeza que nada a impedirá de ser quem é, que a mulher não está sozinha, uma vez que existem muitas mulheres que amam mulheres por aí. Ler a reflexão de que, apesar do mal, sempre haverá outras lésbicas, que entendem o que é sentido e acolhem umas às outras, é algo poderoso e transformador, gerando um lugar de acolhimento, um sentimento de comunidade.

Além disso, o poema “Súplica das orelhas” (Baeta, 2021, p. 55) também merece destaque. Nele, lemos:

[...] Não há garotos para mim
Porque quando eles chegam perto
As borboletas
Continuam dormindo
Não me causam nada
E quando causavam
Era ensaiado

Eu sorria para meninos
Como se sorri para visitas
Daquelas que não se quer receber
Mas que vão deixar a sua mãe feliz

Aqui, é notável mais uma vez como a poeta consegue transcrever experiências tão individuais, mas que também são coletivas e, assim, gerar essa conexão e comunicação direta com suas leitoras. O sentimento, descrito em seus versos, que diz respeito a essa sensação de obrigação em agradar a própria família é uma narrativa extremamente comum na comunidade. A apatia demonstrada ao escrever que as borboletas continuavam dormindo também é outra sensação comum e que gera grandes frustrações. Durante o processo de descobertas, muitas garotas exigem-se tentar sentir o que a sociedade diz que elas devem sentir, o que se transforma em decepção. Por isso, o relato dessas experiências é vital para auxiliar no processo e para entender que tudo bem se sentir assim, mas que existem outras possibilidades de se viver para além desse modelo cis e heterossexual.

Para além da escrita poética, Baeta (2021) também utiliza imagens, desenhos e colagens que conversam diretamente com seus poemas e com as temáticas abordadas no livro, em uma perspectiva de multimodalidade que se constrói em consonância com o pensamento de Roxane Rojo (2013, p. 7), a qual argumenta que, no mundo contemporâneo:

Já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagens estáticas, imagem em movimento, sim, fala) que o cercam, ou intercalam, ou impregnam.

Nesse sentido, em *Oxe, baby* (2021), há páginas interativas, que convidam as leitoras a se aprofundarem na experiência literária e a encararem os próprios sentimentos. São exemplos as páginas abaixo: em uma, há o incentivo para arrancá-la e entregar a mulher amada como prova desse amor (Figura 1); e, em outras, a autora desenha seus “monstros” e deixa uma página para que quem está lendo desenhe os seus (Figuras 2 e 3). Há também uma dedicada a ser queimada, que contém instruções para que se escreva a primeira letra do nome de todas as garotas que já machucaram a leitora, para que, em seguida, se arranque a página e a queime (Figura 4). Tais instruções, por mais radicais que pareçam, podem ser libertadoras, como um ritual simbólico para superar e, assim, se esquecerem daquelas que fizeram mal. Vemos, portanto, que, apesar de o livro demonstrar

toda a beleza do amor entre mulheres, também relata as dores e as mágoas inerentes aos relacionamentos humanos, que nem sempre dão certo.

Figura 1: Essa página / foi arrancada / de um livro de poemas / sobre meninas / que gostam de meninas / se você recebeu / ela gosta de tu!!!



Fonte: Baeta, 2021, p. 35.

Nessa página da Figura 1, é possível vislumbrar como a autora se preocupa em trazer uma experiência para além da leitura de seu livro, incentivando suas leitoras a usarem o livro como declaração de amor, arrancando e entregando uma página. Os traços em volta e o próprio ato de riscar uma palavra que provavelmente saiu errado, mas que ela escolheu não apagar, trazem ainda mais personalidade para a obra, reiterando o ponto de que a poesia também está nos detalhes para além das palavras, abrindo margem para que suas leitoras, que não têm coragem de arrancar a página do livro, façam cópia ou se inspirem na ideia como forma de se declarar para sua amada. O uso de mais de um ponto de exclamação é outro fator importante a ser analisado. Seu emprego é justamente para demonstrar emoção, alegria e até mesmo entusiasmo. Mais ainda, o uso de três desses sinais pode indicar o excesso desses sentimentos, um reforço daquilo que se está sentindo, o transbordar, ou seja, é como se o sinal gráfico fosse usado como recurso para reafirmar aquela sensação.

Figura 2 e 3 - Meus monstros/seus monstros



Fonte: Baeta, 2021, p. 108-109.

Nas páginas das Figuras 2 e 3, as leitoras são convidadas a refletir sobre encarar e nomear seus próprios demônios, tarefa árdua e avassaladora que muitas vezes não é feita por medo. Por isso o convite para desenhá-los torna-se importante para o desenvolvimento pessoal e para o processo de autodescoberta. Ao ler esse desafio, novamente as leitoras são encaminhadas para ir além dos textos do livro e refletir sobre os próprios sentimentos, nesse caso, focando naqueles considerados negativos, para que alcancem o processo de cura e análise interior, fundamentais para o desenvolvimento pessoal. Ter uma página dedicada a encarar e expor essas emoções negativas demonstra como a autora tem interesse em criar conexões reais e levar quem a lê para uma jornada de reflexão, descoberta, acolhimento e aceitação. Ao personificar e mostrar seus próprios demônios, encoraja outras mulheres a fazerem o mesmo, dando não só uma noção do que é para ser feito, mas expondo suas próprias fragilidades, fortificando essa ligação, já que tal fato as auxilia a enxergar a autora como um ser humano que também precisa enfrentar os seus próprios monstros.

Figura 4 - Escreva a primeira letra do nome de todas as garotas que já te machucaram. Arranque essa página. Cuidadosamente queime.



Fonte: Baeta, 2021, p. 115.

Em mais uma de suas páginas interativas (Figura 4) que propõe que suas leitoras deixem de ser agentes passivas e se tornem ativas, indo para além da experiência de leitura e de fato concretizando ações indicadas nele, a autora aqui sugere uma espécie de ritual para superação de mágoas de amores passados, para que, simbolicamente, essas lembranças se queimem e assim sejam superadas. Esse exercício pode, de fato, auxiliar muitas mulheres a seguirem adiante e abandonarem traumas passados, uma pequena demonstração de força trazida pelo fogo, capaz de aquecer corações e oferecer a sensação de alívio, de ajuda, que muitas vezes não pode vir da família ou de amigos, por inúmeras razões, tornando-se, assim, algo imprescindível e profundamente reconfortante. Mesmo que quem lê decida não queimar a página, só ter um lugar para expor essas vivências do passado, provavelmente negativas, já é reconfortante, funcionando quase como um diário, compartilhado entre a autora e suas leitoras, em que ambas expõem suas experiências e podem fazer isso sem um julgamento, concretizando essa relação íntima criada por meio desses mecanismos.

Em “Ideais”, a poeta defende que “eu beijo garotas por orgulho, eu beijo garotas por política, eu beijo garotas por necessidade de sobrevivência. Você, menina, eu beijo garotas por sua própria causa.” (Baeta, 2021, p. 99). Diante dessa afirmação, tornam-se claras as motivações da autora, não só ao escrever esses versos, mas ao escrever histórias, em falar sobre essas vivências, como em seu podcast *Lésbica e Ansiosa*. Elayne explica que escreve também para as meninas terem a oportunidade de ler sobre uma realidade de um modo que ela mesma não teve em sua adolescência, para ter contato com uma perspectiva que ela, quando muito jovem, no interior da Bahia, não podia ter. É inegável a potência política e social da sua escrita, porque ela também é motivada por isso. Ao se

descrever, descreve outras mulheres e, assim, se edifica uma rede conectada por histórias em comum. Essa é a grandeza da literatura, conectar pessoas, mesmo distantes, e despertar sentimentos. A escrita também é arte, e, nesse sentido, os estudos que analisam a potência das narrativas de grupos marginalizados são essenciais.

Para além dos poemas e recursos retratados anteriormente, convém destacar outros elementos não textuais utilizados para facilitar a comunicação e o vínculo intersubjetivo, como o uso de imagens pessoais em uma perspectiva narrativa que discorre sobre seus próprios processos e questionamentos. Ao colocar fotos suas, a poeta não só reafirma o caráter subjetivo, fortalecendo o aspecto lírico de sua escrita, mas também torna tudo mais real e pessoal. Ao longo das páginas, Elayne Baeta compartilha escritos e momentos vividos desde a sua infância até sua vida adulta e perpassa inúmeros temas e formas de escrita. Ao analisar o livro, é possível vislumbrar esse amadurecimento da escrita da autora e de suas vivências, fazendo com que ele se pareça com um diário, tornando a experiência de leitura ainda mais terna e autêntica. Para demonstrar, foram separadas abaixo algumas dessas fotos que compõem o livro:

Figura 5 - Dois quatro de setembro diferentes



Fonte: Baeta, 2021, p. 135.

Ao adicionar fotos pessoais de dois de seus aniversários (vide Figura 5), comemorados em anos diferentes, é possível novamente notar o tom intimista e pessoal que o livro traz. Outro aspecto diz respeito ao pensar sobre a passagem do tempo. Ao

mostrar dois anos diferentes da mesma data, a autora mostra duas versões de si, sua evolução e o questionamento sobre como se encara essa passagem. Logo abaixo da imagem, Baeta (2021, p. 135) escreve: “Eu não sei se envelhecer é mais sobre ficar se esquecendo ou ficar se lembrando”. O envelhecimento é um processo complexo e, ao afirmar que não sabe exatamente se ele é sobre “se lembrar” ou “se esquecer”, apresentando duas memórias passadas, contribui para o questionamento sobre como a vida passa. Ao ser honesta sobre as suas dúvidas e incertezas, a autora estabelece uma relação de simpatia com a leitora e convida-a a questionar-se a partir de um semelhante ponto de vista.

A perspectiva na primeira pessoa cria uma sensação de familiaridade e proximidade que faz com que a leitora se sinta mais envolvida e capaz de se relacionar com os sentimentos que estão sendo transmitidos. Assim, Baeta não apenas escreve sobre a vivência lésbica, mas escreve a partir dela, consolidando uma voz autêntica que reivindica o direito de nomear-se e de ser nomeada pelas próprias mulheres que vivenciam essa realidade. Essa prática retoma singularmente os conceitos de escrevivência e lugar de fala, conforme teorizado por Evaristo (2020a; 2020b) e Ribeiro (2019), ressignificando-os no contexto da produção literária brasileira contemporânea ao conectá-los com os modos de vida da existência lésbica. Especialmente para as leitoras lésbicas que também podem estar passando pelo processo de envelhecimento, esta forma de escrita encoraja a autora e o seu público a constituírem um espaço de identificação.

A autora transmite com sucesso a sensação de sinceridade e vulnerabilidade ao empregar a perspectiva da primeira pessoa, trazendo as suas próprias experiências e reflexões sobre o amadurecimento. O público lésbico pode ser mais sensibilizado com esta abordagem subjetiva e íntima, porque frequentemente não encontra muitas representações de suas experiências na literatura, em especial diante de processos como a passagem do tempo e o envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Oxe, baby* revela que a poesia lésbica contemporânea desafia a heteronormatividade e, ao mesmo tempo, ativa processos de escrevivência e lugar de fala (Evaristo, 2020a; 2020b; Ribeiro, 2019). Quando o texto, a imagem e a interação se encontram, Elayne Baeta transforma esse processo em uma literatura viva, como ferramenta de visibilização da existência lésbica em suas múltiplas dimensões (Rich,

2012). Nesse sentido, sua produção literária abre espaço para novas experiências, que antes nem eram consideradas, convidando mais pessoas a participar desse processo, o qual se configura como escrita de resistência, oferecendo uma resposta à histórica invisibilidade lésbica e à heteronormatividade fortemente presentes em nosso meio social.

Diante do exposto, vislumbra-se uma conexão singular estabelecida entre Baeta e suas leitoras. Ao narrar suas próprias vivências, esse vínculo é intensificado, gerando comoção e a oportunidade de as leitoras verificarem suas histórias sendo contadas de maneira mais poética, revelando sentimentos que nem elas poderiam descrever. Assim, firma-se essa ligação tão bonita entre autora e seu público, bem como entre as próprias leitoras, que também formam uma comunidade, se acolhem e compartilham experiências.

Como desdobramento desta análise, sugere-se que futuros ensaios críticos aprofundem a relação entre lesbianidade³, linguagem poética e representatividade, ampliando o debate sobre autoria, visibilidade e construção de subjetividades na literatura contemporânea. Nesse sentido, recomenda-se aprofundar a leitura de Elayne Baeta e de outras autoras contemporâneas que consideram a existência lésbica não apenas como tema, mas como conceito que congrega dimensões diversas da experiência histórica, política e estética.⁴

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**, v. 9, n. 1, 1 jan. 2008. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/27042011-01561113dossie2almeida.gandheilbornml.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

BAETA, Elayne. **O amor não é óbvio**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2022.

BAETA, Elayne. **Oxe, baby**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2021.

CASTRO, M. G. O interdito no ideal de nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira? **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S.l.], n. 32, p. 57–67, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9567>. Acesso em: 19 jan. 2024.

³ Em consonância com as discussões sobre existência lésbica e sua histórica invisibilização, compreendemos lesbianidade como um conceito que ultrapassa a mera orientação sexual, constituindo-se como uma posição política, identitária e de resistência às estruturas heteronormativas que historicamente marginalizam mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres.

⁴ As autoras agradecem às contribuições dos pareceristas pela leitura cuidadosa do texto e por suas contribuições.

COMISSÃO DA VERDADE. **Ditadura e homossexualidades**: iniciativas da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, 2014. Disponível em: <http://verdadeaberta.org/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html>. Acesso em: 25 dez. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo-SP: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2017.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Org.) **Escrivivência**: a escrita de nós-Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 27-48. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2026.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência seve também para as pessoas pensarem. Por Tayrine Santana, Itaú social, e Alecsandra Zapparoli, **Rede Galápagos**, São Paulo, 2020b. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrivivencia-servetambem-par-a-as-pessoaspensarem/#:~:text=E%20eu%20sempre%20disse%3A%20%E2%80%9CMas,tamb%C3%A9m%20para%20as%20pessoas%20pensarem>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário**: Literatura lésbica contemporânea. São Paulo: Edições GLS, 2003.

FACCO, Lúcia; BACELLAR, Laura. Lúcia Facco, uma lésbica que escreve. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <https://editoramalagueta.com.br/lucia-facco-uma-lesbica-que-escreve/>. Acesso em: dez. 2025.

FACCO, L.; LIMA, Maria Isabel de Castro. Protagonistas lésbicas: a escrita de Cassandra Rios sob a censura dos anos de chumbo. **Labrys, estudos feministas, études féministes**, Florianópolis, n. 6, ago.-dez. 2004. Disponível em: <http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys6/lesb/bau.htm>. Acesso em 21 dez. 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA-PINTO, Cristina. O desejo lésbico no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. **Revista Iberoamericana**, v. LXV, n. 187, abril-junho, 1999, p. 405-421. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/pdf/10.5195/reviberoamer.1999.6082>. Acesso em: 21 dez. 2023.

HOLANDA, Ismênia de Oliveira; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. A literatura lésbica entre o virtual e o impresso. **Dossiê Literatura e Memória Arquivos do CMD**, v. 3, n. 2, ago.-dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/8893/7926>. Acesso em: 21 dez. 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 4.reimp. São Paulo: Ática, 2011.

LESSA, Patrícia. Visibilidade e ação lésbica na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-feminista e do Boletim Chanacomchana. **Gênero**, Niterói, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30925>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20169>. Acesso em 21 dez. 2023.

OLIVEIRA, L. A “vergonha” como uma “ofensa”: homossexualidade feminina, família e micropolíticas da emoção. **Periódico de Psicologia**, 2019. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200006>. Acesso em: 21 dez. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 16 abr. 2026.

ROJO, Roxane. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: _____ (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SANTOS, Claudiana Gois dos. Dossiê Sáfico: A emergência Lésbica em Clarice Lispector. **Revista Criação e Crítica**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 20, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/es/article/view/138591/139441>. Acesso em: dez. 2025.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. **Gênero**, v. 4, n. 1, 10 dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31019>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SANTOS, Rick. Apresentação crítica e atualizada desta edição. In: RIOS, Cassandra. **Uma mulher diferente**. São Paulo: Brasiliense: 2005.

